

MUDANÇAS NOS MEIOS DE VIDA DOS RIBEIRINHOS A PARTIR DA RESSIGNIFICAÇÃO ECONÔMICA DO AÇÁI (*EUTERPE OLERACEA* MART.): UM ESTUDO EM IGARAPÉ-MIRI, PARÁ

Suany Machado da Silva  

Doutoranda CPDA/UFRRJ

Alair Ferreira de Freitas  

UFV

submissão: 14/04/2021 | aprovação: 09/08/2021

RESUMO

Este artigo retrata as transformações nos meios de vida de ribeirinhos de Igarapé-Miri (PA), a partir da mercantilização do fruto de açaí. Esta pesquisa qualitativa partiu da incursão empírica no cotidiano dos ribeirinhos e se assentou na realização de entrevistas semiestruturadas. Utilizou-se a abordagem dos meios de vida (*livelihoods*), elucidando elementos que compõem a reprodução social familiar. Como resultado percebeu-se que a alta demanda pelo fruto tem mudado a rotina e a forma como os ribeirinhos se relacionam com a natureza e com o vegetal, garantindo oportunidades de acesso a ativos que eram distantes da realidade local, mas também criando vulnerabilidades.

Palavras-chave: Adaptação; Reprodução; Tradicionalidade.

CHANGES IN THE LIVELIHOODS OF RIVERSIDE DWELLERS FROM ECONOMIC RE-SIGNIFICATION OF AÇAÍ (*EUTERPE OLERACEA* MART.): A STUDY IN IGARAPÉ-MIRI/PA

CHANGEMENTS DANS LES MODES DE VIE DES RIBEIRINHOS (COMMUNAUTÉS RIVERAINES) A PARTIR DE LA RESSIGNIFICATION ECONOMIQUE DE L'AÇAÏ (*EUTERPE OLERACEA* MART.): UNE ETUDE A IGARAPÉ-MIRI/PA

ABSTRACT

This article portrays the transformations in the livelihoods of riverside dwellers of Igarapé-Miri/PA, brought by the commodification of açaí fruit. This qualitative research was based on the empirical incursion into the daily lives of riverside dwellers and was based on semi-structured interviews. Livelihoods approach was used, elucidating elements that make up family social reproduction. As a result, it was shown that high demand for the fruit has changed the routine and the ways in which riverside dwellers relate to nature and to the fruit, securing access opportunities to assets that were distant from local reality, but also creating vulnerabilities.

RÉSUMÉ

Cet article illustre les transformations dans les modes de vie des communautés riveraines (qui vivent au bord des fleuves) à partir de la mercantilisation du fruit de l'açaí. Cette étude qualitative est partie de l'incursion dans le quotidien des communautés riveraines et s'est fondée sur la réalisation d'entretiens semi structurés. L'approche des modes de vie (*livelihoods*) a été utilisée, apportant des éléments qui composent la reproduction sociale familiale. Comme résultat, on note que la grande demande pour ce fruit a changé la routine et la forme de comment les communautés riveraines se mettent en relation avec la nature et avec le fruit, ce qui garantit des opportunités d'accès à des actifs qui étaient distants de la réalité locale, mais aussi créant des vulnérabilités.

Key-words: Adaptation; reproduction; traditionalism.

Mots-clés: Adaptation; Reproduction; Tradition.

INTRODUÇÃO

A história da população amazônica foi tecida por processos de colonização de diferentes povos, derivados de uma diversidade de grupos étnicos e tradicionais que compõem a região. Dentre o mosaico de categorias sociais que a compõe, destacam-se as comunidades ribeirinhas, compreendidas como comunidades tradicionais¹, pois elas se reconhecem dessa forma, tendo em vista que possuem uma relação particular com a natureza, traduzida nos saberes e conhecimentos sobre os ciclos naturais e os ecossistemas locais em que vivem, uma vez que territorialmente ocupam as “beiras” de rios conhecidas como várzeas (Lira & Chaves 2016).

Uma das atividades econômicas típicas na Amazônia, que envolve inúmeros ribeirinhos, é o extrativismo da palmeira de açaí (*Euterpe oleracea Mart.*), que tem grande relevância no consumo alimentar e na geração de renda para as comunidades que vivem à margem dos rios. O açaí, fruto típico de áreas alagadas, mais que um simples fruto natural, para muitas comunidades amazônicas é um elemento constitutivo da cultura, marcando paisagens e os meios de vida ribeirinhos (Fontes & Ribeiro 2012).

O fruto do açaí até o final do século XX provinha predominantemente do extrativismo, objetivando basicamente o consumo doméstico, com pouca venda do excedente (Santana, Carvalho & Mendes 2006). Atualmente, o açaí é um produto de grande valor econômico, representado como alimento funcional e, mais recentemente, pela sua ascensão como superfruta, ou seja, um alimento altamente nutritivo. Santana et al. (2014) e Cialdella e Navegantes-Alves (2014) argumentam que essa relação do fruto com saúde e bem-estar, ocasionou um consumo em massa do açaí, com aumento exponencial da demanda.

Assim, ele passou de um produto que tinha como principal finalidade o consumo alimentar amazônico a um produto de interesses econômicos globais, sendo comercializado para todos os estados do Brasil e diversos países. Dessa forma, a abertura e consolidação do mercado do produto expuseram as populações ribeirinhas à indústria e suas práticas de exploração comercial do fruto e de relação mercantil com os territórios ribeirinhos, facilitando a entrada de novos participantes na composição dessa cadeia produtiva, integrando novos atores e interesses que se afastam de uma perspectiva de arranjo produtivo da sociobiodiversidade e

1 Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais- Decreto n. 6040, de 7 de fevereiro de 2007.

se aproximam de dinâmicas de cadeias longas, complexas e especializadas, centradas na geração de valor monetário (Ramos et al. 2017).

As últimas décadas, portanto, explicitaram importantes inflexões na configuração da cadeia produtiva do açaí na Amazônia e, assim, na vida dos ribeirinhos extrativistas. O aumento na demanda pelo fruto traz alterações de múltiplas dimensões na vida dos ribeirinhos, de cunho ambiental, alimentar, econômico, social. Esse contexto é condicionado por inúmeros processos sociais, reveladores de como a vida dos ribeirinhos está sendo constituída a partir dos diferentes usos do fruto de açaí, que atualmente tem se tornado a principal fonte de renda para muitas comunidades ribeirinhas.

A partir desse ponto, questiona-se: como a apropriação mercadológica do fruto de açaí afeta os meios de vida dos ribeirinhos? Nasce daí os anseios pela temática para compreender quem são esses ribeirinhos e como as altas demandas pelo fruto refletem em suas formas de organização e reprodução social e econômica.

Parte-se da perspectiva de que a valorização mercadológica sobre o fruto interfere nas relações sociais e nas interdependências entre os atores sociais e a natureza, o que repercute diretamente nos meios de vida ribeirinhos. Assim, além dos ganhos econômicos, o aumento pela demanda do açaí trouxe transformações de múltiplas naturezas

para as comunidades ribeirinhas que trabalham com o produto, fato que fundamentou e incentivou a proposição deste trabalho no sentido de desvelar as facetas desse processo.

Esta pesquisa foi operacionalizada a partir das várzeas do município de Igarapé-Miri (PA), por seu reconhecimento público e institucional como a Capital Mundial do Açaí. Optou-se pela abordagem dos meios de vida, conhecida na literatura internacional como *livelihoods*, mas cunhada no Brasil por Antonio Candido. O uso dessa literatura ajuda a revelar os aspectos da reprodução social das famílias ribeirinhas associadas com a produção do açaí.

A opção da pesquisa foi pelo estudo de caso, com método de coleta de dados por meio de entrevistas. As histórias acessadas foram indispensáveis para o entendimento dos meios que são utilizados pelos ribeirinhos na busca por estratégias e adaptações frente à nova condição em que se encontram: garantir uma produção elevada para o abastecimento do mercado de açaí.

Nesse sentido, ao longo deste trabalho, algumas vozes são anunciadas para ilustrar e complementar as observações e interpretações feitas a partir do campo.

Trata-se, portanto, de um artigo exploratório, de cunho socioantropológico, que não tem a pretensão de esgotar o tema, mas contribuir para

desnaturalizar certos aspectos da economia do açaí e suas implicações para os povos tradicionais e desvelar dimensões da vida em comunidades ribeirinhas. Seguindo essa orientação, o artigo está organizado em introdução, abordagem teórica dos meios de vida, metodologia, resultados e discussão e, por fim, conclusão. Espera-se que a leitura desse texto crie oportunidades de reflexão sobre esse fenômeno.

1 A ABORDAGEM DOS MEIOS DE VIDA

A obra de Antonio Candido, *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, publicado no ano de 1964, tornou-se pioneira no desenvolvimento de estudos sobre meios de vida tradicionais e suas transformações. Apesar de o autor registrar que seu estudo se direciona aos meios de vida do “caipira tradicional”, suas reflexões antropológicas e históricas ajudam a elucidar importantes dimensões da reprodução social da vida daquela categoria. Para ele, “os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente dos conjuntos das relações culturais” (Candido 1971:28), citando como exemplo a alimentação, que ilustra a relação de um grupo com seu território, por meio de atos, normas, símbolos e representações. Na obra, a vida social é compreendida a partir da satisfação das

necessidades que não são apenas de natureza física, mas também social. Nesse sentido, se refere às formas de organização e cultura de um grupo sobre o meio que está inserido na busca por estratégias de reprodução social e material da vida.

Assim sendo, o autor apresenta o meio de vida dessa população, explanando sobre as características da casa, da confecção de utensílios, roupas, da indústria caseira, da alimentação, da relação de reciprocidade e solidariedade. Contudo, como a incorporação da economia moderna provocou rupturas na vida caipira, aborda-se na obra a penetração de bens de consumo nas áreas rurais que redundaram na geração de novas necessidades. O caipira alterou seu ritmo de trabalho e suas práticas cotidianas para incorporar essas mudanças, observou o autor.

Embora o pioneirismo de Candido em adotar o conceito desde a década de 1950, o termo “meio de vida” adquiriu popularidade após seu emprego para designar situações de diversificação e pobreza de países em desenvolvimento. Ele “surgiu do reconhecimento das preocupações ambientais e da necessidade de novas abordagens para a erradicação da pobreza” (Sitoe 2011:41). Para esse autor, o recorte analítico do conceito consistia na percepção das diversificações de atividades como forma de direcionamento de políticas públicas para a redução ou exclusão da pobreza (Sitoe 2011).

O termo “meio de vida”, ou no inglês *livelihoods*² foi e vem sendo muito utilizado pelos cientistas sociais com o objetivo de demonstrar as transformações em grupos ou sociedades rurais. Inicialmente, ainda nos anos 1980, a tendência dos estudos em meio de vida era pesquisar as estratégias domésticas das unidades familiares de populações pobres (*household studies*). Entretanto, surgiu no início dos anos 1990 uma nova geração de estudos baseada no indivíduo e em suas relações comunitárias (Perondi & Schneider 2012).

Segundo Chambers e Conway (1992), os meios de vida podem ser compreendidos como capacidades, ativos (estoques, recursos, direitos e acessos) e atividades adquiridas para se obter um meio de vida. Em relação à capacidade, existem diversos significados para diferentes pessoas e em diferentes lugares, incluindo os muitos critérios de bem-estar. Dentre esses significados, a perspectiva de Amartya Sen é citada por Scoones (1998) para se referir à capacidade de executar certas funções básicas e, principalmente, na autonomia de escolhas, na liberdade de poder fazer aquilo que se deseja, o que inclui também o fim da discriminação contra as mulheres, contra as minorias e da pobreza urbana e rural (Scoones 1998).

Sobre os ativos, é incluído alguns tipos de capitais citados por Ellis (1999): capital humano (educação, habilidades, capacidade de trabalho e saúde dos membros do domicílio); capital natural – os recursos naturais (solo, água, ar, recursos genéticos etc.) e serviços ambientais (ciclo hidrológico, sumidouros de poluição etc.), capital social (redes, reivindicações e relações sociais e associações às quais as pessoas pertencem), capital financeiro e seus substitutos (poupança, crédito e outros ativos econômicos, incluindo infraestrutura básica e equipamentos e tecnologias de produção).

Assim, percebe-se que há disponível uma gama de atividades e fatores que contribuem para gerar estratégias de sobrevivência, como o acesso aos ativos já citados, o uso de fatores sociais (relações sociais, instituições, organizações), influência das tendências exógenas (por exemplo, tendências econômicas) e os acontecimentos naturais (seca, doenças, inundações, pragas) (Ellis 1999).

Ellis (1999) defende a ideia da diversificação dos meios de vida em populações rurais e tradicionais como um mecanismo de redução da pobreza. Para ele, a diversificação dos meios de subsistência rural compreende o processo pelo qual as famílias constroem uma gama de atividades e capacidades

2 “Em Cambridge (2005, p.744) “*livelihoods*” é “*way someone earns*”, ou seja, “como se faz para ganhar a vida”, podendo ser traduzido literalmente como “meio de vida”. Mas, trabalhos como o de Peñafiel (2006), o traduz como “modo de vida”, o que não é recomendado, pois “modo” se refere mais a cultura e “meio” à estratégia de sobrevivência das pessoas” (Perondini & Schneider, 2012:118).

para garantir sua sobrevivência e ao mesmo tempo para melhorar seu padrão de vida.

Com base nesses pressupostos, as pessoas são levadas a diversificarem seus investimentos, ora para maximizar os seus retornos, ora para reduzir os riscos da atividade (Siteo 2011). Desse modo, um portfólio diversificado de atividades contribui para a sustentabilidade da vida em comunidades tradicionais, devido à sua resiliência, diante de adversidades ou choques (tragédias naturaisⁱⁱⁱ) repentinos.

Dessa forma, essa ferramenta analítica (abordagem dos meios de vida) será utilizada nesta pesquisa para compreender as transformações econômicas, sociais, ambientais e produtivas, decorrentes das relações mercantis dos ribeirinhos com o mercado de açaí. Considerou-se aqui que meios de vida é uma forma de olhar para as alternativas que os sujeitos encontram para lidar ou se adaptar às adversidades. Portanto, meios de vida podem ser definidos como um conjunto de atividades, ativos e acessos que as pessoas têm para construir seus hábitos, suas relações sociais, seu consumo alimentar, ou seja, suas necessidades de vida. É, assim, uma abordagem ampla e complexa, que engloba temas transversais.

No caso do rural, essas dimensões deslocam a ação centralizada na produção agrícola e concentram-se em uma dimensão mais ampla, não restrita ao desenvolvimento econômico, mas diversa, de recursos materiais e imateriais que integram estratégias de reprodução social da vida.

2 METODOLOGIA

2.1 O ESTUDO DE CASO, OS PROCEDIMENTOS DE CAMPO E A ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva e interpretativa, de abordagem qualitativa. Para Silveira e Córdova (2009), a abordagem qualitativa se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização, de modo que seja possível explicar o porquê das coisas, mas não é possível quantificar, pois os dados analisados não são métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Quanto aos objetivos, o estudo descritivo é essencial quando se deseja descrever um fato ou fenômeno de uma dada realidade, buscando não apenas a exposição dos dados, mas também interpretar a natureza ou o motivo que ocasionou determinada situação (Triviños 1987).

³ Mas não somente. A crise nas multinacionais ou a dependência em um único produto de mercado também são fatores de choque. Pensando assim, questiona-se o atual caminho que a produção do açaí está sendo configurada. Se ocorrer alguma interferência na demanda pelo fruto, ou um desequilíbrio ambiental, o principal afetado será as comunidades ribeirinhas que produzem o açaí.

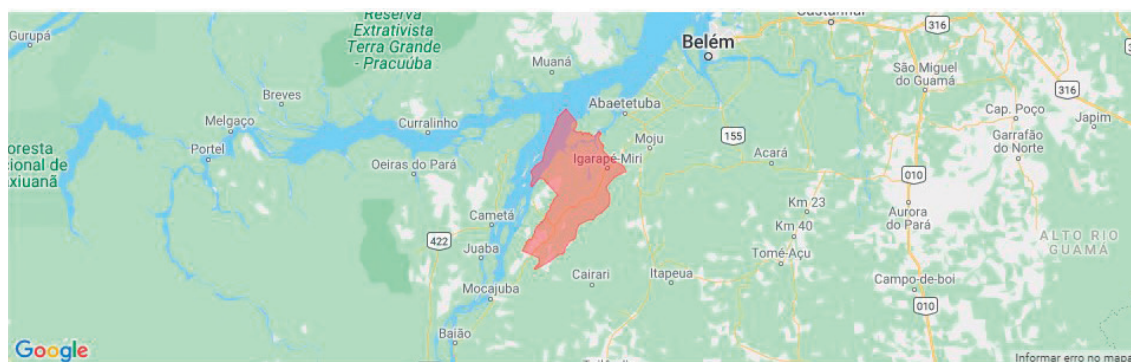
A estratégia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso, definido por Godoy (1995) como o exame detalhado de um indivíduo, lugar ou situação específica. É utilizado quando o (a) pesquisador (a) procura responder “como” e “por quê” certos fenômenos acontecem. O estudo em questão se refere aos ribeirinhos que trabalham com o açaí e estão localizados no município de Igarapé-Miri, no estado do Pará.

O município pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião de Cametá. A sede municipal dista 78 km de Belém, capital do estado. Possui uma unidade territorial de 1.996,790 km² e uma população estimada em 60.994 habitantes (Ibge Cidades 2017).

A escolha desse município justifica-se em função da sua importante construção histórica em torno da cultura de açaí no cotidiano das pessoas e a diversidade de comunidades ribeirinhas que

trabalham com o extrativismo do fruto e, também, devido o reconhecimento como a Capital Mundial do Açaí, por ser o maior produtor e exportador do fruto no mundo, título confirmado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2017). Lima e Silva (2014) também registraram que, do ponto de vista econômico, o grande destaque em Igarapé-Miri é o extrativismo de açaí. A produção do fruto advém principalmente das áreas de açazais nativos das ilhas de várzea, manejadas por ribeirinhos.

A definição da amostra da pesquisa iniciou com a incursão empírica na realidade do município e, a partir do contato com a Associação de Agricultores, fora indicada a Associação Mutirão como uma entidade que poderia dar subsídios para a sua realização. Essa associação, por ter sua sede localizada nas várzeas e ter grande conhecimento sobre esse território e imersão na realidade dos ribeirinhos e da produção de açaí, indicou os



Mapa 1 - Localização geográfica da área de estudo, município de Igarapé-Miri, Pará.

Fonte: Atlas Brasil, 2013.

possíveis informantes para as entrevistas com base no objetivo da pesquisa, identificando famílias ribeirinhas que possuíam histórico de trabalho com o açaí. Dessa forma, justifica-se porque a maior parte dos entrevistados era associada à Associação Mutirão.

Definiu-se, assim, uma amostra de 15 ribeirinhos, das quais duas pessoas eram do sexo feminino e 13 do sexo masculino, na faixa etária entre 25 a 60 anos, ligados à produção e ao mercado de açaí. As comunidades visitadas eram localizadas às margens dos rios: Rio Mamangal, Rio Igarapé-Miri, Santa Maria, Rio Meruú-açu, Mamangal Grande, São Benedito, Santo Antônio Velho, Santo Antônio Médio Maiuatá.

A definição dos informantes da pesquisa se deu com base no critério de acessibilidade, por dois motivos encontrados em campo: 1) Por se tratar de uma área de várzea, o meio de locomoção é via barco, há a necessidade de um acompanhante (barqueiro) disponível para o tráfego pelos rios até os locais de estudo onde viviam os ribeirinhos; 2) A distância entre as famílias ribeirinhas era muito grande, motivo que levou a buscar informantes residentes em locais cuja locomoção fosse possível. Essas questões operacionais limitaram o acesso aos informantes, mas representam aspectos constitutivos dos meios de vida das populações ribeirinhas. Não obstante essas limitações,

o material empírico coletado foi substantivo e oportunizou apontar importantes percepções sobre os meios de vida.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, aplicada durante os meses de agosto e setembro de 2018, baseada em perguntas abertas previamente elaboradas. Para manter a identidade preservada dos sujeitos da pesquisa, utilizou-se em suas identificações a simbologia “Ex”, onde “E” significado entrevistado (a) e “x” a ordem da entrevista, que variou de 1 a 15, correspondente ao número total de pessoas entrevistadas. Além disso, fez-se o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os sujeitos da pesquisa estivessem cientes dos riscos e benefícios do estudo e para registrar oficialmente a manifestação de vontade (ou não) em participar, de forma livre e consciente.

As entrevistas foram gravadas e em seguida realizou-se a coleta de material visual, como fotografias, sob a autorização dos entrevistados. Posteriormente, os dados foram transcritos integralmente e como técnica de organização e análise, utilizou-se a Análise de Conteúdo, baseada em Bardin (1977), realizada em três fases:

1) Análise geral do conteúdo levantado em campo (pré-análise): transcrição completa das entrevistas e leitura geral e transversal de cada uma.

2) Aprofundamento na exploração do material: após a transcrição e leitura, todos os depoimentos foram agrupados e organizados a partir das categorias estabelecidas conforme o roteiro de entrevista e confirmado na pré-análise do material obtido.

3) Interpretação dos dados: a análise foi realizada a partir de uma triangulação entre os conceitos abordados na revisão bibliográfica, a observação da pesquisadora e a análise de conteúdo das entrevistas.

O quadro abaixo representa as categorias e as principais questões de investigação que as direcionaram.

Essas categorias são uma síntese do percurso analítico que orientou e estruturou as análises empíricas. Nesse sentido, as práticas e experiências dos sujeitos realçam o modo de organização do espaço e as dinâmicas sociais que estão em constante dinamicidade.

Além disso, é importante sinalizar que esse estudo foi inicialmente motivado por compreender que cada vez mais produtos da sociobiodiversidade são incorporados a mercados centralizados, representados por interesses particulares em utilizar esses recursos naturais, conhecidos também como patrimônio genético, na construção de nichos. Mas, além disso, outro fator motivador para realização deste trabalho foi a relação que a primeira autora tem com o campo de investigação, sendo paraense e reconhecendo a necessidade de contribuir na divulgação de uma Amazônia plural, ativa e ocupada, por pessoas que sempre estiveram ligadas a terra e ao meio ambiente por meio de uma relação de pertencimento, de identidade.

Portanto, trazer o açaí e as comunidades ribeirinhas como objeto de análise deste estudo, mais que um produto que está sendo globalmente conhecido e de comunidades que estão passando por transformações, também é uma forma de visibilizar

Quadro 1 - Categorias de Análise.

Categorias Analíticas	Evidências empíricas
Condições Materiais	Mudanças em termos estruturais (casa, meios de transporte, instrumentos de trabalho)
Segurança	Percepção de segurança, roubos e assaltos
Composição da Renda	Origens da renda da família
Paisagem e Habitat	Mudanças na composição arbórea, presença de animais silvestres e no meio ambiente em geral
Consumo Alimentar	Mudanças na alimentação e na forma de acesso aos alimentos

Elaborado pelos autores, 2018.

aqueles que compõem um dos extremos da cadeia produtiva. Trata-se de uma pesquisa que passou por uma profunda incursão empírica e se tornou um processo significativo de interação com os sujeitos no local onde realizam suas atividades cotidianas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assume-se neste trabalho que o meio em que os ribeirinhos vivem é lugar de relações sociais, que são construídas, produzidas, reproduzidas e redefinidas conforme seu espaço singular de vida. Esse espaço é construído por seus habitantes em função da convivência social estabelecida, fundamentada em laços de parentesco e de vizinhança, a partir da vida cotidiana e dos ritmos dos acontecimentos que determinam o ciclo da vida em consonância com a natureza.

Contudo, tais coletividades não são isoladas, mas integradas aos espaços sociais e naturais mais amplos, por meio de complexas relações no território. Assim, esse segmento de análise, demonstra que a reprodução dos ribeirinhos sofreu e sofre constantemente mudanças e adaptações frente às novas condições sociais às quais estão submetidos.

3.1 MEIOS DE VIDA EM TRANSFORMAÇÃO

3.1.1 PAISAGEM E HABITAT

Atualmente, nota-se uma intensificação da produção de açaí, com o aparecimento do

sistema de monocultivo da cultura. Esse fato amplia a produção, diminui a diversidade das espécies cultivadas e, por isso, coloca em risco o desaparecimento de algumas plantas nativas na paisagem natural (Araújo & Navegantes-Alves 2015).

Para a história ambiental ou ecológica, as práticas produtivas e reprodutivas de grupos sociais ou sociedades se conformam e definem-se pela manipulação dos ecossistemas naturais. Todos os processos produtivos e reprodutivos significam a apropriação de um ou vários ecossistemas naturais, que podem ter sua estrutura e funcionamento alterados, quando tem um intenso uso ou podem ser mantidos por muito tempo pelo fato de as alterações serem mínimas (Mourão 2010).

Dessa forma, o crescente interesse pelo fruto do açaí estimula cada vez mais a intervenção humana na composição florestal das áreas inundáveis. Em consequência, esses palmeirais passam a dominar a paisagem, manifestando formalmente a crescente importância desse recurso (Marinho 2011). Nesse contexto, observa-se que a emergência da economia do açaí contribui para estabelecer importantes mudanças nas relações ecológicas ao longo dos rios e florestas das várzeas de Igarapé-Miri.

A revisão de literatura e os dados da pesquisa ajudam a constatar que o surgimento e fortalecimento do mercado do açaí favoreceu tanto

a expansão de cultivos, quanto a possibilidade de riscos ecológicos, isto porque há um aumento nas pressões sobre os ecossistemas naturais, provenientes da intensificação do uso da terra, pela elevada produtividade.

Por causa desse aumento na demanda pelo fruto, Brondizio (2008) destaca que o açaí se tornou a principal fonte de renda para a maioria das famílias ribeirinhas, em virtude da importância que vem adquirindo e que nenhuma outra cultura possui atualmente. Esse fato incentiva a intensificação do manejo para uma maior densidade de palmeiras do açaí na várzea. Enquanto isso, outras espécies vegetais são eliminadas aos poucos para dar lugar a maior produção do fruto (Cialdella & Navegantes-Alves 2014).

A expansão do mercado é acompanhada, portanto, pela redução da biodiversidade e aumento do manejo utilizado para controlar o processo de produção (rendimentos, períodos de colheita). Dessa forma, mesmo que os ribeirinhos reconheçam que a proteção dos recursos naturais implica na própria sobrevivência, há a tendência de otimizá-los. As principais alterações observadas e relatadas pelos entrevistados, são a homogeneização da paisagem e a erosão do solo.

A homogeneização da paisagem é representada pelo processo do monocultivo de açaí. Embora em algumas áreas seja possível encontrar diversidade

produtiva, em que os meios de vida pluriativos são estratégias para manutenção das famílias diante das pressões de produção do açaí, essa diversidade não possui grande importância em termos financeiros, está mais voltado para o uso doméstico e, por isso, restringe-se à preservação de poucas espécies próxima à casa, que seja de fácil acesso para o consumo próprio. Além disso, a prática de eliminação de plantas de baixo valor no período de manejo (no final da safra) resulta em diminuição da diversidade florística da área. Esse fato pode ser percebido na fala de um ator da pesquisa:

“Antes a gente comercializava sementes de andiroba. Tinha também a cana, a seringa, que era da época dos meus pais, e era extrativismo mesmo. Hoje o trabalho é mais intensivo, não ligam para a preservação. O povo daquela época não tinha estudo, mas prestava muita atenção” (E15).
 “Açaí para mim é tudo aqui, né? Eu vivo do açaí, o que eu tenho é por conta do açaí. Não trabalho com outra coisa que não seja o açaí” (E6).
 “Nós plantamos outras coisas, o coco, o limão, mas o que tem importância mesmo é o açaí, é o nosso carro-chefe” (E12).

Dada essa importância ao fruto, uma “floresta” de açaí está sendo consolidada como plantio comercial e não uma floresta em si, diversificada. Na região de Igarapé-Miri percebe-se, a partir dos relatos coletados, que está ocorrendo uma forte tendência de concentração da renda baseada

essencialmente na atividade de produção de açaí. Portanto, assim como a paisagem, os meios de vida sofrem pressão para se tornarem homogêneos e já refletem na dependência do açaí. A consequência é que essa dependência é reconfigurada, porque a cadeia produtiva agora é cada vez mais longa, verticalizada e integrada à indústria, e os produtos nativos tornam-se cada vez mais marginais.

Já a erosão do solo, diz respeito ao adensamento^{iv} de açazeiros e é uma prática típica dos plantios comerciais em que prevalece a monocultura. Com objetivo de tornar a área mais produtiva, aumenta-se a quantidade de planta por área e, para isso, no caso específico da área de várzea onde o açaí ocorre de forma espontânea, passa a ser de áreas plantadas. Mesmo que esse plantio seja por meio do açaí nativo, é uma prática nova para os ribeirinhos que pode ser constatada no depoimento de um entrevistado:

“Açaí ainda não tinha nessa área, era mata nisso tudinho, eu limpei. Uma parte eu plantei, onde não tinha açaí, planto em espaçamento de 3 em 3 metros, 2 a 2 metros, vai variando. E também tirei outras espécies, como virola, miriti, era mais madeira fraca, e onde tem madeira forte, na parte mais firme, eu não desmatei” (E10).

Todas essas intervenções podem provocar alterações no equilíbrio dos agroecossistemas e transformar as paisagens, afetando direta ou indiretamente as condições de vida desses grupos

sociais, uma vez que o meio natural faz parte da história de constituição da realidade de quem vive nas várzeas. Por conta disso, um problema altamente preocupante para quem vende e consome o açaí é a conhecida doença-de-chagas, que pode ser afetada pelo desequilíbrio ambiental. Segundo Tagore (2017), a maior incidência do vetor (protozoário *Trypanosoma cruzi*), responsável pela doença, está relacionada com a homogeneização da paisagem, que desequilibra o meio e elimina espécies que são predadores naturais do inseto que transmite a doença (o barbeiro) e, portanto, aumenta a população desse vetor e a disseminação da doença.

Outra espécie muito comum nessas áreas é o miriti (*Mauritia flexuosa*), que também pode ser utilizado na alimentação, mas vem sendo desvalorizada. Esse fato evidencia que o processo de escolha da composição vegetal da área se faz por meio da preferência de espécies que são mais economicamente rentáveis, em detrimento das que ainda não alcançaram essa importância. Abaixo, observa-se uma lista desenvolvida a partir da percepção dos atores entrevistados, a respeito das espécies animais e vegetais que hoje são dificilmente encontradas nas várzeas, mas que já foram comuns.

4 Adensamento é a prática de diminuir o espaço entre as plantas para aumentar a quantidade de planta por área.

Quadro 2 - Percepção sobre espécies vegetais e animais em desaparecimento.

Espécies Vegetais	Espécies Animais
Virola	Veado
Andiroba	Cutia
Miriti	Macaco
Muru-muru	Porco-do-mato
Plantas Medicinais	Peixes

Elaborado pelos autores com base nos dados de campo, 2018.

Como consequência dessa realidade, pode ocorrer o processo de diminuição da diversificação de espécies^v, que pode ocasionar a médio e longo prazo, riscos socioambientais que ameaçam a sustentabilidade do ecossistema de várzea, bem como a produção e produtividade dos açazeiros. Para além, associa-se também ao desenvolvimento de práticas alimentares com um elevado grau de adaptação ao ambiente, construídas pelas famílias locais ao longo do tempo.

Os entrevistados relatam a diminuição na quantidade de animais de caça em áreas de várzea, como uma possível consequência da eliminação de espécies nativas e aumento do cultivo de açaí.

“Os animais quase todos desapareceram, cutia, veado, porco-do-mato, para você ver como isso é difícil. Acho que é por causa das áreas degradadas, né? Aqui eu não mexo na

mata, mas no terreno de trás, não tem mais nada. Não sei o que essas pessoas têm na cabeça. Aí quer dizer o quê? Que não tem mais onde esses animais se abrigarem.” (E7).

“A fauna não é a mesma, a gente já sente a falta de muitos animais. Porque os animais das matas, como macacos, paca, cutia, veado e outros, sumiram. Antes a gente via facilmente, a gente só andava um pouquinho na mata e já achava. Mas como vão desmatando, algumas espécies já não têm como viver” (E9).

A modificação do habitat natural desses animais contribui para o desaparecimento de determinadas espécies e, como consequência, a caça também é afetada. Candido (1971) argumenta que a caça para as sociedades primitivas despertavam sentimentos e conhecimentos múltiplos de religião e da magia, diferentemente da caça esportiva, que é baseada no gosto pelo perigo e pela perseguição aos animais. Assim, à medida que se transforma as fontes de abastecimentos, “o que era básico se torna acessório, o acessório se torna básico, e vemos um meio de subsistência tornar-se atividade lúdica.” (Candido 1971:30).

Dessa forma, o problema da caça pode ser analisado tanto pela questão ambiental, devido à modificação do habitat natural desses animais, quanto pela questão alimentar, que modifica

5 Não há aqui correlação entre o crescimento da produção do açaí e o adensamento dos plantios com o desaparecimento dessas espécies. Os dados não possibilitam essa afirmação. Mas aqueles processos podem contribuir para que isso ocorra e continue ocorrendo.

as fontes de abastecimento dos ribeirinhos. É exatamente nesse ponto que inicia alguns problemas, às vezes invisibilizados. Inicialmente, ocorre a quebra de governança de territórios, em que os fatores econômicos começam a se movimentar somente em torno da ideia da oferta e demanda.

Existe um arsenal de fatores ligados à alimentação, sociabilidade, gestão dos recursos e valorização da cultura alimentar. Infelizmente, essas questões são consideradas apenas pela ótica de exploração de um recurso na busca do lucro, não aprofundando o olhar sobre os sujeitos e suas interações sociais.

Então, atualmente, o manejo dos açaizais abrange diferentes atividades que podem ser mais intensivas e modificar a paisagem local, com foco na eliminação de outras espécies, objetivando a predominância ou exclusividade dos açaizeiros e colocando em risco o ambiente onde se encontram, englobando a erosão e assoreamento dos rios, entre outros. Mas, alguns agricultores já perceberam que a homogeneização do cultivo de açaí pode se tornar um problema, conforme destacado na fala do entrevistado E3:

“Quando a gente produz só açaí, vende só açaí. A gente vai na cidade comprar tudo que precisamos para sobreviver. Quando a gente produzia peixe, a galinha caipira e outras coisas que a gente usa, não era assim. Então é preciso diminuir esta produção para que as pessoas tenham condição

de tirar boa parte do que precisam para sobreviver. Isso nos tornou individualistas demais. Viramos consumidores. Trabalhando para comprar os objetos. Uma televisão grande, um barco que corre mais” (E 3).

Ao dedicar grande parte dos seus esforços às atividades que possuem grande valor econômico diminui-se a diversidade produtiva. A prática de cultivar hortaliças, plantas medicinais e alguns animais foi substituída pela necessidade de compra. Dessa forma, a autonomia (produtiva e alimentar) e o exercício de liberdade desses agentes podem ser questionados à medida que eles não mais controlam o meio de que dependem para reprodução social da família.

A partir dessa experiência, destaca-se o pensamento de Chambers e Conway (1992) sobre meio de vida sustentável, que ocorre quando existe a possibilidade de superar momentos de estresse e choques e se recuperar para garantir meios de vida para gerações futuras. É por isso que se destaca o pensamento de um dos entrevistados que considera urgente descaracterizar o município de Igarapé-Miri como capital mundial do açaí, para torná-lo um centro de produção diversificada.

3.1.2 CONSUMO ALIMENTAR

Na perspectiva analítica seguida neste trabalho é importante entender os padrões alimentares de

comunidades tradicionais, bem como os fatores que influenciam o consumo de certos produtos em detrimento a outros. O alimento para as comunidades constitui-se tradicionalmente como um recurso vital oriundo principalmente da relação desses grupos com o meio em que vivem. Ao produzirem ou extraírem os alimentos do lugar que habitam, constroem práticas e saberes sobre e no território (Pasini, Fiúza, & Silva 2014).

Quando os ribeirinhos foram questionados sobre a história de sua alimentação, eles fizeram alusões tanto à quantidade quanto à forma de obtenção dos alimentos, principalmente no que concerne aos peixes e camarões provenientes do rio e de igarapés. As caças também foram bastante mencionadas nas entrevistas, pois eram um dos principais componentes da dieta alimentar dessa população. A facilidade na obtenção, a fartura existente, a quantidade e, principalmente, a acessibilidade a uma alimentação contínua foram as principais mudanças apontadas pelas famílias locais em relação ao contexto alimentar atual. A alimentação das famílias entrevistadas tem como base o açaí, contudo, alguns consideram que no passado se consumia mais e melhor o fruto. Conforme aponta o entrevistado E3,

“Quando a gente era criança, amassava o açaí em alguidar^{vi} e dava para as crianças comer. Quando era 10h30 íamos apanhar (colher) mais açaí para o almoço. Tinha uma competição de deixar a colher em pé no açaí para saber se estava grosso. Mas hoje a produção está mais voltada para o comércio do que usufruir de um bom açaí” (E3).

Ao dedicarem os frutos de melhor qualidade para o mercado, os ribeirinhos reconfiguram sua prática alimentar, reforçando que a necessidade de vender um açaí de boa qualidade está acima da necessidade de se consumir, explicitando um determinismo mercantil sobre a vida. A mercantilização do fruto incide sobre o consumo alimentar dos membros do grupo doméstico, podendo gerar vulnerabilidade social e, em muitos casos, a insegurança alimentar devido ao não preenchimento dos princípios nutricionais básicos para a saúde.

Durante as entrevistas, observou-se que no passado havia maior ocorrência de alimentos naturais ou de seus subprodutos, extraídos ou produzidos localmente, provenientes da floresta e dos quintais. Porém, quando comparada com a alimentação atual, essa realidade se modificou significativamente, juntamente com o espaço, em que se perdeu o hábito dos quintais produtivos.

6 Espécie de peneira onde se espremia o fruto de açaí manualmente para a retirada da polpa.

“Meu pai plantava verdura, mas nós paramos com isso, agora não tem mais, só açaí mesmo e umas plantas que ficam. Eu plantava couve uma época, mas hoje não faço mais. A gente consome verduras e legumes, mas vem da feira” (E8).

“O povo perdeu a cultura principalmente das plantas medicinais. Antigamente todas as casas que você ia tinha canteiro de todas as plantas medicinais. Hoje não, o povo achou que como tem a renda do açaí deixou de plantar outras coisas” (E5).

Assim como o caipira de Candido, o ribeirinho de Igarapé-Miri passa a comprar mais e, conseqüentemente, precisa vender mais. Os bens de consumo e a alimentação são quase que totalmente obtidos por meio da compra, proporcionada pelo comércio. Com isso, iniciou a maior inclusão de produtos que não são produzidos em seus territórios e acarretou um aumento dos gastos com alimentos adquiridos nos mercados locais.

A renda passa a garantir maior poder de compra dos ribeirinhos, mas também se perde a prática de produzir o próprio alimento e isso, percebe-se, vai se naturalizando e se conformando como prática usual. Esse é um processo social de mudança da cultura alimentar que está em curso, determinado pelas alterações na estrutura econômica local, que tem uma de suas características a ampliação da escala da produção de açaí e seus contornos mercantis.

O ribeirinho passa a vender o açaí *in natura*, para comprar alimentos industrializados. Em uma visão mais convencional, o econômico é medido somente pela renda: tudo que não gera dinheiro é marginal. Assim, alude-se sobre as alterações no que tange à criação de animais e no extrativismo. Anteriormente à chegada dos monocultivos, era comum a criação de pequenos animais pelas famílias, que ficavam soltos nas terras de uso comum. Hoje, devido à perda desses espaços para a produção do açaí, alguns dos entrevistados relataram que deixaram de criar. A criação solta de animais tornou-se um problema:

“Tem um rapaz aqui perto que cria dois porcos e tá me dando dor de cabeça. Porque o porco fica solto e vai passando de um terreno para outro porque não temos cercas. Porco não é bem-vindo no açaí, ele revira a terra, faz fezes pelo terreno” (E 13).

Deixa-se de criar pequenos animais, de cultivar hortaliças, plantas medicinais e outras espécies alimentícias, para dar maior importância à cultura que detém maior valor econômico e, assim, cresce a dependência ao mercado, uma vez que aumenta a necessidade de compra por não mais produzir. Com base na discussão, o alimento pode ser considerado um elemento explicativo da vida social em que o direito de definir seus próprios sistemas de

alimentação e agricultura está ligado ao aumento do comércio, que criou significativa ameaça ao direito dos ribeirinhos à soberania alimentar.

Sobre a pesca, os relatos dos moradores apontam que há, atualmente, uma escassez de peixes por causa da poluição dos rios. Mas ainda é realizada a atividade mesmo que em menor escala. Contudo, a prática também está sendo substituída pela criação em tanques (piscicultura). Para um dos entrevistados: “Eu sobrevivo do açaí, mas também crio peixe, fiz o tanque. Eu pesco às vezes no rio, mas tem que depender de maré e aqui não tenho esse problema”. O ribeirinho não mais depende ou deseja depender das condições naturais. É mais fácil criar o próprio peixe.

Portanto, para além de uma mudança no produto, as principais alterações são simbólicas e semânticas e com importante ressonância nos meios de vida das pessoas que são a base e elo mais frágil da cadeia produtiva do açaí. Dessa forma, a transição alimentar que está ocorrendo no momento é no sentido de que os meios de subsistência da vida ribeirinha estão sendo condicionados pela economia de mercado, ocasionando, assim, mudanças socioculturais na alimentação que refletem em mudanças significativas na vida comunitária.

Com isso, o padrão de desenvolvimento mercantilizado promove a exacerbação da

especialização regional e as mantêm submetidas às explorações, a uma dinâmica na qual o objetivo essencial passa a ser a rentabilização no uso dos fatores, à produção de commodities agrícolas etc. (Anjos 2008).

Com a crescente intensificação da produção de açaí e a substituição das práticas tradicionais, a subsistência não depende mais exclusivamente do meio circundante.

Na atual conjuntura, a agricultura dos ribeirinhos enfrenta um cenário no qual se veem reduzidas as possibilidades de práticas de autoconsumo, particularmente no caso de unidades produtivas visitadas que se especializaram na produção de açaí. Diante do reduzido grau de diversificação da matriz produtiva local, e do considerável peso de cultivos e atividades com o açaí, cresce consideravelmente a dificuldade de sustentação das famílias a partir da própria produção.

3.1.3 CONDIÇÕES MATERIAIS: AS CASAS, OS BARCOS E O ACESSO A BENS DE CONSUMO

Essa análise busca destacar que os moradores das áreas de várzea da região amazônica acumularam um conhecimento acerca da construção das casas baseado em um processo histórico de aprendizagem. No estudo de Alencar

e Souza (2016), as pesquisadoras afirmam que o conjunto de conhecimentos e práticas que as populações ribeirinhas possuem a respeito dos modos de habitar a várzea amazônica é resultado da interação com o ambiente, que orienta desde a escolha do local para instalar a habitação, até as técnicas e materiais para a construção. Em função da dinâmica do ambiente, as casas são normalmente construídas de madeira, material mais leve, e em palafitas^{vii}, como uma forma de prevenção, para que a morada não seja inundada no período de cheia.

Dessa forma, entende-se que a natureza se constitui como elemento definidor das relações com o ambiente de moradia, em que os ribeirinhos se baseiam em suas peculiaridades para planejar a melhor forma de habitar esse ambiente e criar lugares para realizar as atividades de subsistência. Com base no trabalho de campo, os entrevistados também se remetem ao tempo em que as habitações em área de várzea eram construídas com a utilização de madeira e cobertas por palhas:

“Como eu disse antes, é através do açaí que a gente consegue se organizar e também é onde a gente consegue melhorar de vida. As casinhas antes era diferente, os lugares que a gente morava era muito pobre. Era de palha, miriti. A partir do momento

que conseguimos comercializar o açaí, melhorou as casas, o vestir das pessoas, na educação. Então, o açaí interfere em muito na vida das pessoas” (E15).

“Só um exemplo pra você perceber que mudou bastante por causa da melhora da renda do açaí. As casas quase não são mais de madeira, você olha a nossa aqui já é de alvenaria. É mais cara, mas o valor do açaí tá nos dando essa possibilidade. A gente tenta melhorar na estrutura da casa, móveis e embarcações” (E11).

Percebe-se que o mercado de açaí proporcionou mudanças em termos estruturais das casas de várzea. A nova condição econômica dos ribeirinhos define uma posição diferente na estrutura social. Com isso, a habitação representa as suas formas de organização estrutural, os espaços de materialização, mas também um espaço de relações, de interação social.

Os informantes da pesquisa também destacaram que as casas eram construídas de madeira retirada da própria mata, muitas vezes cobertas por palha, não havia pátio e nem móveis na sala, a cozinha era o lugar principal de integração, coabitado por adultos, crianças, jovens. Os quartos eram divididos, no máximo, em dois: um para os pais e o segundo reservado aos filhos ou ainda a sala se transformava em quarto, fazendo uso das redes e não das camas. O banheiro estava localizado fora

7 Sistema de construção comum em regiões alagadas, onde as casas são construídas sobre troncos e pilares acima do nível do rio para evitar a entrada da água.

da casa, em meio à natureza, não possuía vaso sanitário e nem água encanada.

“A gente comprou mais um freezer, ventilador, cada filho tem um quarto, antes era só um. A gente quer mudar tudo, não queremos mais de madeira. Temos três televisões, uma no quarto, na sala e uma na cozinha” (E9).

“Temos bomba, que enche da água do rio e vai para o banheiro. Também mudamos o banheiro para dentro de casa, não tínhamos vaso, agora tem” (E13).

Nas antigas casas havia pouca utilização de móveis como sofá, mesas ou cadeiras. Contudo, camas, armários, cômodas, aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos fazem parte do cotidiano atual dos ribeirinhos, em que pode se observar a modernidade nas várzeas pelas antenas parabólicas, no acesso à internet e até mesmo a utilização de objetos destinados à manutenção da saúde, como aparelhos de academia. Assim, juntamente com a modernidade e o acesso a um modelo de vida mais urbanizado, as casas tradicionais estão passando por um amplo processo de transformação. Essas mudanças podem ser observadas na divisão dos cômodos, uso de varandas, instalação de banheiros internos e criação de jardins em frente às casas.

Os novos modelos arquitetônicos de construção de casas são um exemplo concreto de mudança proveniente da melhoria da renda dos ribeirinhos. Transforma-se o uso dos espaços domésticos.

Raposo (1998) traz uma discussão semelhante de transformação da habitação rural em Portugal por meio da apropriação dos modelos urbanos. A gestão de novos tipos habitacionais é fruto do desenvolvimento de trocas comerciais com o exterior e o aumento da profissionalização, que faz surgir a incorporação de práticas e referências urbanas no seu modo de vida e na sua habitação, a qual possui maior afirmação social, de modernidade e conforto (Raposo 1998).

Para Hebink (2007), a adoção de novas arquiteturas, mais modernas e semelhantes às casas da cidade indica que ao ter acesso a melhores condições financeiras (ativos), aumenta-se o investimento das pessoas na moradia, em equipamentos elétricos, nos próprios meios de transporte. Já para Candido (1997), a penetração da urbanização em áreas rurais gera necessidades de consumo nas pessoas e os ligam a um ritmo de economia mais intensa e dinâmica, em contraste com a economia nas cidades. Não se trata, pois, de juízos de valor acerca dessas mudanças, mas de constatações sobre as alterações habitacionais, as configurações dos espaços domésticos e os modos de apropriação e uso desses espaços pelos ribeirinhos, em contrastes com a história das comunidades.

No caso das várzeas de Igarapé-Miri, essa presença do urbano no mundo rural é uma demonstração de que os ribeirinhos estão utilizando

a melhora do poder aquisitivo para compra de bens materiais que podem ser observados em suas casas e barcos. O principal meio de transporte dos ribeirinhos é pelos rios e ocorreram também transformações neste tipo de locomoção.

A melhoria nesse segmento de transporte tem um impacto potencialmente importante nas economias locais, melhorando o funcionamento dos mercados, acelerando o fluxo de informações e aumentando a mobilidade de pessoas, recursos e produtos e, assim, acesso a novas culturas. O entrevistado E1 lembra que em tempo passado, em sua comunidade (Rio Mamangau Grande), havia apenas três embarcações, de motor pequeno, de um total de 172 famílias e que a partir do crescimento do comércio de açaí essa realidade mudou, sendo hoje possível encontrar ribeirinhos com duas a três embarcações, com motores velozes e até mesmo com lanchas para irem trabalhar. Esse fato traz um novo elemento fundamental na constituição da vida ribeirinha. Muito embora o nível da maré seja determinante para a locomoção pelos rios, a velocidade passa a ser uma necessidade.

O desenvolvimento de moradias e barcos mais modernos é representado pelos ribeirinhos como uma mudança positiva, que trouxe conforto e a possibilidade de acesso a bens de consumo. Pela visão dos informantes, o investimento em suas moradias é uma forma de melhoria da qualidade de

vida nas várzeas. As casas observadas não podem ser vistas apenas como estruturas utilitaristas, mas como um projeto de vida e da organização do espaço privado.

A possibilidade de adquirir o próprio barco foi fator marcante e de muito orgulho entre os atores pesquisados nesse trabalho, isso porque a locomoção era um problema pela dependência do horário de viagem dos barqueiros. Com isso, o fortalecimento da renda advinda do açaí materializou-se sobre a mobilidade dos ribeirinhos, tornando-os mais independentes, integrados ao espaço rural com o urbano e o próprio rural com o rural. Portanto, o acesso a melhores barcos e casas é um ativo que se mostra como resultante do processo de produção econômica do açaí.

4.1.4 INSEGURANÇA

Acostumados com a calma das comunidades às margens dos rios, os ribeirinhos entrevistados disseram considerar suas comunidades, de forma geral, seguras. Contudo, conhecem pessoas próximas que já foram vítimas de algum ato criminoso. Parte dessa violência é definida pelos ribeirinhos como uma consequência da valorização do açaí, uma vez que tem aumentado o volume de dinheiro circulando pelos rios e portos. O entrevistado E7, relembra que em 2017, “um rapaz de 16 anos foi correr de um assalto, ele era

trabalhador do barco, estava entregando o açaí no porto e foi assassinado. Os caras [assaltantes] sabem quando alguém sai para comprar açaí, o barco tá com 7 a 11 mil reais”.

A valorização do açaí traz alterações na rotina dos rios, quando os ribeirinhos passam a adotar novos horários de deslocamento para a cidade, de forma a evitar o ataque dos “piratas d’água” dos rios, por exemplo. Por isso, adotam algumas estratégias de segurança. Muitos dos entrevistados relataram que o índice de crimes aumentou consideravelmente, isso porque, no dia da venda de açaí no porto, muitas pessoas ficam sondando o local por saber que há dinheiro sendo movimentado.

Com isso, o acesso ao mercado do açaí tem gerado maior fluxo de dinheiro em espécie entre as comunidades, os rios e portos e atraído atos criminosos. Houve benefícios em termos de acesso a bens que antes não compunham as várzeas, como a melhoria na estrutura das casas e o poder de compra, mas também tem atraído maior vulnerabilidade quanto à segurança:

“Aqui hoje tá meio violento, ainda não é igual na cidade, mas já tá ficando complicado porque eles sabem que têm dinheiro por causa do açaí. Antigamente, os piratas roubavam a embarcação. Hoje não, eles já vêm pelo dinheiro. Mês passado assaltaram meu cunhado e levaram doze mil, ele tava no rio e ia pegar o açaí” (E9).

Os “interiores” que eram representados como lugares tranquilos e pacíficos, começam a se tornar um “lugar violento” de acordo com a percepção de segurança dos entrevistados. Há, portanto, um tipo de violência que colabora para a estruturação do sujeito e da sociedade. Ela faz parte do processo de adaptação à vida, ao bem-estar. Então, a segurança passa a ser um fator de mudança na vida ribeirinha, em que os moradores começam a utilizar estratégias para evitar assaltos, como relatado: evitar estar sozinhos quando vão ao porto vender açaí, colocar o dinheiro em local seguro, algumas casas já possuem grades e até adoção de câmeras de segurança em estabelecimentos comerciais.

Esse episódio de instabilidade de segurança dos ribeirinhos se distancia da perspectiva de Chambers (1995), ao considerar que, para um meio de vida ser sustentável, ele precisa da gestão de recursos naturais, redistribuição dos recursos, boa saúde e redes de segurança para as pessoas. O autor ainda coloca que a restrição a esses meios significa a falta do que é necessário para o bem-estar. Por isso, que os meios pelas quais as pessoas garantem sua reprodução não se limitam às dimensões apenas físicas, mas também, sociais, simbólicas, econômicas, políticas, psicológicas, espirituais.

Portanto, é necessária uma relação de equilíbrio. Nesse caso, o capital econômico afetou

positivamente a vida dos ribeirinhos no sentido de geração de renda, mas também, os tornou mais vulneráveis devido ao aumento da circulação de dinheiro, além da baixa estrutura do município para conter esse tipo de situação.

Quando questionados sobre as medidas de segurança pela Prefeitura, os moradores disseram não haver. Nos portos, que são perigosos, não há nenhum tipo de policiamento ou instrumentos de segurança, como câmeras. A estrada não tem asfalto e existem várias estradas vicinais que facilitam a fuga de assaltantes. Então, hoje, a todo o momento é necessário ficar em alerta devido aos perigos de assalto. Dessa forma, entende-se que a vida mais pacata e que não despertava tanto interesse dos cidadãos, agora é alvo de ataques de violência, por saber que, principalmente no período da safra, há dinheiro pelos rios.

A formação do mercado de açaí, portanto, impacta em vários sentidos a vida social. Tem-se agora uma necessidade de proteção do território no sentido de garantir a segurança dos ribeirinhos. Nesse processo, a ruptura da liberdade desse grupo social escapa totalmente do seu controle e ascende a necessidade de adotar mecanismos de proteção. Os ribeirinhos passam a sofrer o ônus do mercado de açaí.

3.1.3 COMPOSIÇÃO DA RENDA FAMILIAR

A reprodução familiar dos ribeirinhos de Igarapé-Miri é, essencialmente, garantida pela renda do açaí. A tendência de crescimento do mercado do fruto tem direcionado a intensificação produtiva, ao crescimento da área de produção e a baixa diversificação. A centralidade econômica na cultura do açaí está moldando a forma de organização do trabalho e de reprodução da comunidade local, impulsionando para alguns a concentração das suas forças produtivas no âmbito da economia do açaí, gerando um alto grau de especialização na atividade que está subordinada aos novos processos e exigências da indústria, inexoravelmente, submetidos ao interesse do capital. E, despertando para outros, novas possibilidades de composição da renda doméstica porque estão visualizando a possibilidade de investimentos em novos negócios nas áreas de várzeas, além de já se preocuparem com os rumos que a economia do açaí poderá encarar.

Em campo, embora ainda seja uma prática tímida, algumas estratégias de diversificação estão sendo adotadas por conta da sazonalidade do fruto de açaí e das incertezas do mercado. Porém, nem todas essas estratégias estão ligadas às atividades agrícolas. Quatro dos entrevistados atuam em outras áreas: comércio varejista, sorveteria, venda de cosméticos e a piscicultura, isso demonstra

que o ribeirão já está buscando alternativas para suprir o período que o açaí está escasso na entressafra.

Essas experiências de diversificar as fontes de renda se estabelecem como uma alternativa capaz de proporcionar meios para elevar o potencial econômico de áreas rurais. No caso da conciliação do trabalho agrícola com outra atividade não agrícola, ela tem engendrado novos sentidos ao trabalho para os ribeirinhos, relacionando à capacidade de investimento em outras atividades e a busca por conhecimento em outras áreas, gerando a possibilidade de autonomia econômica.

Entende-se que o processo de diversificação pode representar uma alternativa viável para a saída de situações de vulnerabilidade, de risco ou crise. Assim, a diversificação pode ser entendida tanto como uma estratégia de reação a uma situação adversa, como também uma estratégia de adaptação ou escolha, que ocorre quando há busca por novas alternativas ou novos investimentos (Perondi & Schneider 2012).

Contudo, grande parte dos atores que compõe esta pesquisa, disse concentrar na produção do açaí o principal meio de garantir a renda da família:

“A gente depende totalmente da nossa produção. Eu sei que se chegar janeiro e eu não tiver dinheiro, sei que posso comprar e pagar em agosto, porque eu vou ter dinheiro. Nós temos sete meses de vaca magra (entressafra) e cinco de

vaca gorda (safra), mas hoje a gente já consegue não ficar devendo tanto. Mas veja só, trabalhamos cinco meses para se sustentar por doze. Por isso que tem dois anos que a gente também parou de trabalhar só com açaí. Hoje, utilizamos outras frutas da nossa área e vendemos a polpa e é alimento também, né?” (E5).

Essa fala é importante para compreender como as questões locais estão sendo interpretadas pelos próprios nativos. A sazonalidade se configura como um fator de instabilidade econômica porque provoca picos e depressões na produção, criando durante os períodos mais críticos, insegurança devido aos fluxos de renda agrícola incompatível com a necessidade de consumo. Nessa situação, a diversificação produtiva e de renda poderia ser utilizada como uma alternativa para redução de riscos adversos e redução de inseguranças quando as atividades adotadas confrontam diferentes perfis de riscos.

Para Perondi e Schneider (2012), os indivíduos que se atêm a uma única atividade limitam o estabelecimento das rendas e os efeitos adversos dos mercados são sentidos em maior proporção, uma vez que os pluriativos contam com outras fontes de rendas além das atividades comuns da agricultura ou do extrativismo de um único produto. Portanto, quando há um portfólio diversificado de atividades, a sustentabilidade da vida rural torna-se mais resiliente, diante de adversidades ou choques repentinos.

Constata-se, a partir das realidades retratadas, que os meios de vida diversificados atuam como fonte propulsora de melhores possibilidades de composição da renda familiar, maior diversificação de mercados e diminuição da dependência a um produto. Esse é um desafio a ser superado, uma vez que a realidade econômica do município de Igarapé-Miri, cada vez mais dependente do açaí e interpondo a indústria à montante e à jusante da produção, pode estar condicionando a renda dos ribeirinhos a esse mercado e, por isso, a diversificação se torna uma prática emergente.

Portanto, esse pequeno conjunto de famílias que está desenvolvendo atividades mais plurais, caminha em favor de potencializar e ampliar estratégias mais resilientes e estáveis de seus meios de vida. Trata-se, nessa situação, de fomentar modelos produtivos alternativos ao modelo das economias de escala, ou seja, a diversidade no lugar da especialização. Já aqueles que se concentram unicamente na produção do açaí, criam meios de vida mais vulneráveis, instáveis e diminuem a capacidade reprodutiva (social e econômica) da família. Considera-se que, embora o mercado de açaí esteja condicionando grande parte dos esforços dos ribeirinhos, os poucos casos identificados de diversificação são importantes por se traduzirem como um estímulo para que mais experiências venham a ser realizadas no município.

CONCLUSÃO

Como abordagem central, buscou-se compreender neste estudo a relação das comunidades ribeirinhas, sua organização social e seus meios de vida, com o principal instrumento de trabalho que é a produção de açaí, por meio dos conceitos abordados por Antonio Candido (1971) e da literatura sobre *livelihoods*. Considerou-se que o crescimento do mercado do fruto é fator preponderante na constituição dos meios de vida de comunidades ribeirinhas em Igarapé-Miri. O conjunto de especificidades locais, a conjuntura interna e externa, as relações de poder e as prioridades traçadas em torno do açaí permitiram refletir sobre a trajetória do crescimento do mercado e seu impacto direto na vida das famílias ribeirinhas produtoras do fruto.

Com o desenvolvimento do mercado do açaí, muita riqueza foi gerada, elevando o município a destaque internacional, conhecido como a Capital Mundial do Açaí. Atendendo às demandas de nichos de mercado que estão sendo criados, atrai olhos atentos às florestas e aos seus benefícios, abrindo novas fronteiras de exploração e perspectivas de um mercado promissor. Essa transformação no consumo de açaí e o aumento na demanda pelo fruto numa escala global elevou o açaí aos status de *commodity*, ocasionou impacto sobre as famílias ribeirinhas, que passam a ter sua mão de obra

explorada pelo capital e veem o preço do produto como o principal motivo de concentrar o trabalho e a vida na produção do açaí.

Entretanto, os significados dessa diferenciação econômica e status resultante da exploração do fruto tornaram-se elementos de identificação para constituir, num determinado momento, um poder local em torno do mercado do açaí. É fato que a produção e verticalização da produção do açaí dinamiza a economia local, gera empregos, mas também afeta na organização social e econômica dos que trabalham com o fruto, isso quer dizer que qualquer instabilidade no mercado do açaí, as consequências serão sentidas com maior intensidade na extremidade da cadeia, ou seja, para aqueles que produzem o fruto.

Os meios de vida se remodelaram de acordo com os padrões disseminados pelo mercado. Nesse aspecto, a produção do fruto de açaí está ampliando os meios de vida, por meio do acesso a ativos e ganhos econômicos e sociais, algo positivo, mas que tem suas ressalvas devido à dependência a uma única atividade que limita a diversidade de outras práticas que eram desenvolvidas anteriormente, como a pesca, a criação de pequenos animais e de plantas medicinais. Aponta-se, portanto, para a importância que a diversificação dos meios de vida, sobretudo porque, de forma geral, os ribeirinhos

mostraram ter elevado grau de especialização e dependência na cadeia produtiva do açaí.

Portanto, enquanto para alguns ativos, os acessos são mais favorecidos, como o econômico, outros são negativamente afetados, como o natural (meio ambiente), de autonomia alimentar e segurança nas comunidades. Assim, mesmo que a atividade de produção de açaí seja vista por muitos como uma alternativa sustentável, devido à diminuição do desmatamento para a produção do palmito, há, também, o desafio de conciliar os saberes e as práticas ancestrais, de forma que se encontre o equilíbrio necessário para garantir o futuro da população ribeirinha e do ecossistema de várzea.

Dessa forma, os meios de vida dos ribeirinhos se transformaram à medida que se intensificou a mercantilização do açaí, partindo da perspectiva de que os atores analisados têm uma relação estreita com os recursos naturais que o circundam e, dessa forma, as pressões do mercado tem o caráter de agente indutor de mudanças nas estratégias de reprodução social e sustentação das famílias. Para isso, compreende-se que o aumento na demanda por açaí traz alterações múltiplas na vida dos ribeirinhos, de cunho ambiental, cultural, econômico e social. Novas trajetórias e rotinas são demarcadas pela reconfiguração das atividades

econômicas e apresentam novas relações de convívio com o espaço em que habitam e nas comunidades em que se relacionam.

Pode-se observar que, com a introdução de novos atores na produção e extração de açaí, o ribeirinho passa por uma alteração de hábitos, refletida no ritmo de trabalho, que agora se estabelece para também cumprir demandas de mercado, isso tende a ser invisibilizado, porque o desenvolvimento, por uma lógica utilitarista, é

medido principalmente (às vezes exclusivamente) pelo incremento da renda. O Produto Interno Bruto (PIB) municipal aumenta e isso se torna padrão para mostrar à sociedade como o município se desenvolveu. Contudo, isso vela a desigualdade e esconde a marginalidade dos ribeirinhos, sua dependência a uma cadeia produtiva cada vez mais centralizada e verticalizada e a degradação de meios tradicionais de vida, tão importantes para sua resiliência.

REFERÊNCIAS

Alencar, E. F., I. S. Sousa. 2016. Tradição e mudanças no modo de habitar as várzeas dos rios Solimões e Japurá, AM. *Iluminuras* 17 (41): 203-232.

Anjos, F. S. et al. 2008. Mercantilização da agricultura e insegurança alimentar no sul do Brasil. In *Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Rio Branco: Sober. Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. 2013. *Mapa de Igarapé-Miri*. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/igarape-miri_pa (acesso em 5 agosto 2020).

Bardin, L. 1977. *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edição 70.

Brondízio, E.S. 2005. De alimentação básica para alimentação de moda: ciclos e oportunidades de mudanças no desenvolvimento da economia do açaí no estuário amazônico, in *As florestas produtivas nos neotrópicos: Conservação por meio do manejo sustentável?* Organizado por D.J. Zarin et al., pp. 427-57. São Paulo: Peirópolis; Brasília: IEB.

Burg, I. C; Lovato, P. E. 2007. Agricultura familiar, agroecologia e relações de gênero. *Revista Brasileira de Agroecologia* 2 (1):1522-1528.

Candido, A. 1971. *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida*. São Paulo: Duas Cidades.

Cary, F. 1997. *Paisagem*. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. pp 49-65.

Castro, E. 2000. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais, in. *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. Editado por Diegues, A. C. São Paulo: HUCITEC/ NUPAUB, USP.

Chambers, R. 1995. Poverty and livelihoods: whose reality counts? *Environment and Urbanization* 7, (1): 173-204.

Chambers, R., R. Conway. 1992. Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21st century. *IDS Discussion Paper* 296: 127-130.

Cialdella, N., Navegantes-Alves L. 2014. La ruée vers l'açaí: trajectoires d'un fruit emblématique d'Amazonie. *Revue Tiers Mondes* 220 (4):119-135.

Dourado, G. F. 2015. Meios de vida em um contexto semiárido: aspectos culturais, sociopolíticos e perceptivos da relação homem-ambiente. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Brasil.

Ellis, F. 1999. Rural livelihood diversity in developing countries: evidence and policy implications. *Natural Resource Perspectives* 40.

Ellis, F. 2000. The Determinants of Rural Livelihood Diversification in Developing Countries. *Journal of Agricultural Economics* 51 (2): 289-302.

Ferreira, L. S. G. 2013. Gênero de vida ribeirinho na Amazônia: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Brasil.

Fleischfresser, V. 2006. *Amazônia, Estado e Sociedade*. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados).

Fontes, E., Ribeiro, F. 2012. Os trabalhadores do açaí na Amazônia: cotidiano, natureza, memória e cultura. *História Oral* 1 (15): 81-106.

Gazolla, M., Schneider, S. 2006. O processo de mercantilização do consumo de alimentos na agricultura familiar. In *44º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*. Fortaleza: Sober.

Godoy, A. S. 1995. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas* 35 (3):20-29.

Guiddens, A. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.

Haan, L., A, Zoomers. 2005. Exploring the Frontier of Livelihoods Research. *Development and Change* 36 (1):27-47.

Lira, T. M., Chaves, M. P. S. R. 2016. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. *Interações* 17(1): p. 66-76.

Marinho, V.N.M. et al. 2011. Extrativismo do Açaí e Interações Sociedade-Natureza em São Sebastião da Boa Vista, Marajó-PA. 63º Reunião Anual da SBPB.

Pasini, I. L .P; fiúza, A. L .C; Silva, D. M. 2014. Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente. *Nera* 17 (24).

Perondi, M. A; Schneider, S. 2012. Bases teóricas da abordagem de diversificação dos meios de vida. *Redes* 17 (2): 117-135.

Raposo, I. 1998. Apropriação dos modelos urbanos pelos grupos sociais rurais: a transformação da habitação em Alte. *Revista de Estudos Urbanos e Regionais* 25/26.

Ramos, M.O. et al. 2017. Cadeias de produtos da sociobiodiversidade no sul do brasil: valorização de frutas nativas da mata atlântica no contexto do trabalho com agroecologia. *Amazônica - Revista de Antropologia* 9.

Santana, A.C., Carvalho, D.F., Mendes, F.A.T. Organização e competitividade das empresas de polpas de fruta no Estado do Pará: 1995 a 2004. Belm: Unama, 2006.

Santana, A.C et al. 2014. Análise discriminante múltipla do mercado varejista de açaí em Belém do Pará. *Rev. Bras. Frutic.* 36 (3).

Scoones, I. 1998. Sustainable rural livelihoods: a framework for analysis. *IDS Working Papers* 72.

Silveira, D.T; Córdova, F.P. 2009. Unidade 2 - A pesquisa científica, in *Método de pesquisa*. Organizado por Gerhardt, T. E. e D. T. Silveira Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Sitoe, T. A. 2011. A abordagem dos modos de vida como ferramenta de análise das estratégias de sobrevivência no meio rural africano. *Desenvolvimento em questão* 17: 39-60.

Tagore, M. P.B. 2017. O aumento da demanda de açaí e as alterações sócias, ambientais e econômicas. Dissertação de Mestrado, Núcleo de Meio Ambiente, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Brasil.

Triviños, A.N. 1987. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo. Ed: Atlas S.A.